

HERÓIS DE PAPEL: HISTÓRIA E BIOGRAFIA EM GUSTAVO BARROSO

Erika Morais Cerqueira¹
Doutoranda em História - UFMG
erika_mcerqueira@hotmail.com

Resumo: Objetivamos analisar o discurso historiográfico de Gustavo Barroso (1888-1959) presente nas narrativas biográficas elaboradas pelo escritor, entre 1928 e 1945. Para tanto, apresentaremos algumas reflexões acerca das formas discursivas e das concepções historiográficas que vemos compor a escrita da experiência do tempo em Barroso. Estudaremos, através da interface entre a história da historiografia e a literatura, as possíveis relações entre o seu ato de fala e o seu público, na constituição de um saber histórico politicamente comprometido com o passado militar da nação. Ao biografar os militares que atuaram durante o Segundo Reinado no Brasil, o escritor o fez à luz das inquietações de seu tempo, tentando construir análises históricas decifradoras e atualizadoras dos problemas nacionais. Propomos que a narrativa biográfica barroseana integra-se à escrita da história do Brasil, na medida em que auxilia na criação de uma ordem do tempo, o tempo da nação, e na definição de um espaço de atuação, o território brasileiro, elementos que balizavam as discussões historiográficas do período.

Palavras-chave: Gustavo Barroso; História; Biografia; Nacionalismo; Militarismo.

Abstract: We aim to analyze the historiographic discourse of Gustavo Barroso (1888-1959) present in the biographical narratives elaborated by the writer between 1928 and 1945. For this purpose, we will present some reflections about the discursive forms and the historiographic conceptions that we see composing the writing of the experience of time in Barroso. We will study - through the interface between the history of historiography and literature - the possible relations between his speech act and his audience, in the constitution of a historical knowledge politically committed to the military past of the nation. By biographing the military personnel who acted during the Second Reign in Brazil, the writer did so in the light of the anxieties of his time, trying to construct historical analyzes deciphering and updating the national problems. We propose that the Barrosian biographical narrative integrates with the writing of Brazilian history, insofar as it assists in the creation of an order of time - the time of the nation - and in the definition of a space of performance - the Brazilian territory; elements that marked the historiographical discussions of the period.

Keywords: Gustavo Barroso; History; Biography; Nationalism; Militarism.

Artigo recebido em: 02/07/2018

Artigo aceito em: 29/11/2018

¹ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2115009396178787>

INTRODUÇÃO

Durante seu tempo de vida (1888-1959) e, em particular, na época em que realizou suas produções letradas, Gustavo Barroso foi o intelectual dedicado ao estudo da história militar brasileira, especialmente, por intermédio da escrita de biografias de alguns de seus protagonistas: Osório, Caxias, Tamandaré, elaboradas entre 1928 e 1945. Ao longo de sua trajetória, Barroso participou ativamente dos círculos de sociabilidade intelectual que marcaram os ritmos da missão de redescobrir o Brasil, decantada por homens de letras e de ciências, a partir, notoriamente, de 1930. Embora nossa análise se concentre nas biografias elaboradas por Barroso ao final dos anos vinte e na década seguinte, consideramos que as questões que orientaram sua “operação historiográfica” estão, em grande medida, relacionadas às ideias que mobilizaram a intelectualidade brasileira no imediato pós-guerra. No período anterior ao conflito havia um forte sentimento de otimismo em relação ao futuro, o que foi colocado em xeque pela experiência da guerra, que assinalou os limites dessas promessas de progresso infinito.

A crítica à modernidade foi acompanhada por uma sensação de desencanto frente, em muitos casos, a um mundo em ruínas, promovendo questionamentos acerca dos limites e das possibilidades do moderno. A experiência do conflito, assim como as reconfigurações oriundas de seu término, evidenciou a distância que separava o Brasil das nações industrializadas e incutiu o temor a respeito de nossa capacidade para manter a unidade e a independência nacionais. Mais do que exaltar a beleza natural e as potencialidades da terra, passou-se a “advogar a necessidade urgente de conhecer, explorar, administrar e defender o território” (DE LUCA, 2003, p. 40). Por um viés ufanista, insuflava-se o orgulho nacional pela imensidão do território, cujas proporções fomentavam a imaginação, todavia, assegurar a sua posse constituía uma dificuldade.

O Exército, instituição capaz de garantir a manutenção das fronteiras, foi revestido por um novo simbolismo que visava, fundamentalmente, promover o reconhecimento de suas atividades (CASTRO, 2012). Empreendeu-se uma campanha em prol do serviço militar obrigatório, percebido não apenas pelo ângulo defensivo, mas antes como uma escola de civismo que objetivava resolver os problemas de uma nacionalidade inconclusa. Tornava-se

premente que os brasileiros se assenhorassem efetivamente de seu país, o que incluía, sobretudo, o conhecimento acerca de seu passado. Afinal, se o futuro poderia ser contemplado como um horizonte aberto, faltava ao Brasil, na visão de muitos intelectuais, o passado glorioso, raiz desse tempo vindouro. Tornava-se necessário, pois, criar esse passado.

Processo este que envolvia, em uma dimensão mais ampla, a renovação das letras nacionais, debate caro às décadas de 1930 e 1940, momento em que os intelectuais brasileiros advogavam a renovação da própria história nacional. Nesse ínterim, portanto, o biográfico passou a figurar como gênero de destaque: “A biografia, desde que humanizasse seus protagonistas, seria uma estratégia, de primordial importância, entre as iniciativas de renovar a escrita da história nacional”. (GONÇALVES, 2010, p. 128). Contexto em que as revistas literárias firmavam o consenso sobre a necessidade de casamento entre a biografia e o romance, de forma tal que estas atingiram um novo patamar, marcado pelos estudos psicológicos do texto, como observou Maria Helena Werneck (2008), em seu estudo sobre as biografias machadianas.

Identifica-se na obra barroceana a ideia de que a terra, mais que uma dádiva, deve ser concebida como o resultado de um esforço coletivo, conscientemente realizado pelos antepassados, de forma a garantir a posse do território. O trabalho de reordenação do tempo envolveu a exaltação dos protagonistas da história, personalidades capazes de promover a confiança nos destinos da nação, assim como afirmar a excelência de um povo corajoso, que soube defender o seu patrimônio. A nação, em uma concepção orgânica, teria sido gestada em um longo processo que envolvia o alargamento de suas fronteiras, fruto das campanhas militares empreendidas, prioritariamente, durante o Segundo Reinado. A produção do espaço nacional, por esta perspectiva, forneceria a moldura capaz de reenquadrar o passado, atribuindo-lhe um tom épico e, ao mesmo tempo, extirpando-lhe tensões e ambiguidades que inviabilizavam a sua utilização na construção da identidade (DE LUCCA, 2003). O pretérito, reabilitado, não poderia ser responsabilizado pelas chagas do presente, sendo, portanto, necessário representá-lo sob uma lente patriótica.

Desta feita, a história, enquanto conhecimento disciplinar, fora percebida como um instrumento essencial na constituição da identidade nacional. Contudo, a discussão sobre como ela deveria ser escrita e, especialmente sobre que sujeitos deveriam protagonizá-la, colocava a

questão sobre os indivíduos que, de fato, teriam construído a nação. Na busca pelo desenho das singularidades nacionais, buscou-se identificar aquilo que particularizava nossa cultura, o que fora, mais à frente, denominado de brasilidade (GONTIJO, 2007). Nesses termos, as narrativas de vida foram inseridas entre os elementos capazes de promover o traçado da comunidade brasileira e de inserir, no concerto das nações civilizadas, a nação brasileira.

Ao *narrar* a trajetória dos combatentes do passado, Barroso almejava transformar os leitores em espectadores ou “testemunhas”, oferecendo-lhes uma experiência do passado. Os indivíduos que se distinguiram pela honra foram, mediante o “discurso” do autor, transformados em heróis, cuja função passava a ser, essencialmente, personificar a nação. (ENDERS, 2014). Havia uma ambição pedagógica, pois o que se acompanhava, por meio destes *relatos*, não era a evolução do caráter do herói, mas antes a maneira como suas virtudes eram postas à prova em diferentes momentos. A Barroso interessava a singularidade do percurso individual e, fundamentalmente a exemplificação da eficácia de uma virtude, presente no herói nacional, e os desastres resultantes de determinado vício, encontrados na figura do “anti-herói” das nações vizinhas:

A degola e o fuzilamento não lhe eram bastantes para acabar de reduzir aquela sociedade à expressão mais simples. Lançou mão de outros meios, dos piores. Foram-se-lhe todos os escrúpulos. E praticou atos inomináveis. (...). Rosas ouvia a ladainha bárbara, intimamente se babando de gozo. E os gritos selváticos, como estranhas maldições dum rito fetichista, varavam o ar. (BARROSO, 1929, p. 82).

“A saída de si em direção ao outro”, o passado histórico ou a própria realidade histórico-social, se apresentava como um caminho possível para o diagnóstico destes males que afligiam a nação e, em grande medida, representava a possibilidade de reordenamento do tempo, capaz de promover a confiança no futuro. Ao apresentar o pretérito sob a chave da glória, Barroso almejava propor um novo projeto de nação, que viabilizasse um traçado para o futuro, longe do passado, mas mantendo, ainda, certa relação com ele. É provável que Barroso desejasse informar aos leitores, por meio de suas narrativas biográficas, que a história de seu tempo presente (marcada, entre outros aspectos, pela relativização dos valores e pelo desencanto em relação ao futuro) poderia ser diferente.

Intentamos compreender, assim, o fazer historiográfico entre os anos de 1928 e 1945, período caracterizado, nas palavras de Alceu Amoroso Lima, por uma “epidemia” do gênero

biográfico (GONÇALVES, 2010, 112). Para tanto, iremos mobilizar uma coletânea de biografias, produzidas por Gustavo Barroso, entre 1928 e 1945, publicadas pelas maiores editoras do país: José Olympio, Getúlio M. Costa e Companhia Editora Nacional. Cumpre mencionar que a última figurava entre as maiores do país pelo volume de publicações e, sobretudo, pela qualidade dos textos apresentados na coleção *Brasilina* (FRANZINI, 2006, p. 70); projeto intelectual e editorial preocupado em repensar o país e refundar a moderna sociedade brasileira, composto por intelectuais que constituíam o núcleo da *intelligentsia* brasileira nos anos 1930 (DUTRA, 2013, p. 52). Como um instrumento a serviço de uma pedagogia da nacionalidade, as biografias ocupavam uma de suas seções, com um claro acento em vultos do Império, seguido de personagens da República (TOLENTINO, 2009).

A *Brasiliana* poderia ser compreendida também como um monumento científico-intelectual do Brasil, produzido concomitantemente à institucionalização, também nos anos 1930, do patrimônio nacional, conforme recorda Letícia Julião. Ambicionando romper com imagens “petrificadas” das personagens, as biografias, neste contexto, aproximavam-se da literatura, utilizando-se dos recursos da escrita para preencher lacunas das vidas dos biografados, conferindo-lhes humanidade (JULIÃO, 2013). Propomos que a obra barroseana está inserida neste “solo comum patriótico”, no qual caminha o fazer biográfico na década de 1930, onde o horizonte é o da biografia como monumento: as narrativas de vida dos soldados brasileiros devem “simbolizar” e “materializar” a lembrança.

DESENVOLVIMENTO

Vários estudiosos argumentam, na contemporaneidade, em favor do retorno do gênero biográfico, “prova disso é que, a partir de meados dos anos 80, alguns dos mais renomados historiadores da atualidade consagraram trabalhos ao estudo de trajetórias individuais” (SCHMIDT, 2003, p. 57). Esta aposta faria parte de uma onda de interesse pela história-memória, onde as biografias históricas objetivariam, na verdade, demonstrar as possibilidades que uma dada época descortinava para o indivíduo. Arnaldo Momigliano lembra ainda que “em nossos dias, ninguém, sem dúvida, contesta que a biografia seja uma categoria da história” (MOMIGLIANO, 1991, p. 17). Muitos historiadores têm provado que o fato de se privilegiar a

análise de uma trajetória de vida não implica a impossibilidade de se retratar o contexto social geral no qual o indivíduo está inserido; a oposição entre singular e coletivo é, nesse caso, inexistente. Segundo Giovanni Levi, a biografia demanda uma redução na escala de análise, o que não significa que haverá, com esse método, incompatibilidade entre a história do indivíduo e a história da sociedade (LEVI, 2006). Sob esta perspectiva, personagens do passado seriam “recriados”, como referências para o presente, mas, sobretudo, como “constitutivos de uma suposta identidade de classe, de gênero, racial, geracional, regional, nacional, etc” (ARNAUD, 1989, p. 44-45).

A legitimidade da biografia estaria, segundo Alexandre Avellar, desde os antigos, associada à busca por transcendência, “através do relato que ilumina e dá sentido à vida evanescente e fulgurante” (AVELLAR, 2011, p. 142). A sedução do biográfico estaria, em grande medida, relacionada a um extenso leque de interesses pelo “outro”, por suas experiências de vida, sua exemplaridade, curiosidade essa não isenta de *voyeurismo*. Jerome de Groot, ao abordar as historiografias populares, nos oferece um caminho para entender essa empatia que as biografias despertam, sobretudo quando pensamos no público leitor, por elas almejado: “Analysis of history-as-experience illustrates that it is a set of narratives divorced from an institutionalised framework, used in different and dissident ways by a variety of social groups” (DE GROOT, 2006, p. 391).

Entre os textos que tematizaram a discussão sobre a biografia, certo destaque deve ser conferido ao livro de Daniel Mandélenat, “La biographie”, o qual, ao investigar os diversos usos e sentidos atribuídos às narrativas de vida, definiu o gênero como “narrativa escrita ou oral, em prosa, que um narrador faz da vida de um personagem histórico, acentuando a singularidade e a continuidade de sua existência” (MADELÉNAT, 1984, p.11-20). Ao analisar a história da biografia, o pensador francês distinguiu e caracterizou três paradigmas: a biografia clássica, a biografia romântica e a biografia moderna. A última, em particular, foi associada ao relativismo ético, à psicanálise e às transformações da epistemologia histórica, no alvorecer do século XX. Em diálogo com o dilaceramento realista da subjetividade humana, marcada pelo tom aflitivo que a modernidade lhe conferia, a biografia moderna pretendia, ao reeditar o modelo de folhetim, figurar como o romance de vida de homens comuns a sofrer todas as mazelas da condição humana.

É neste ponto nodal que reside o “valor do biográfico”, nas palavras de Leonor Arfuch, autora que credita às narrativas de vida, entre outros usos, a possibilidade de operar uma “identificação imaginária”. Em seu percurso de análise, Arfuch demonstra como a busca incessante por proteção e referências, característica dos tempos de incertezas, impulsiona o biográfico, em sua dimensão como “modo de acesso ao conhecimento de si e dos outros” (ARFUCH, 2010, p. 75). Sobre este sujeito da modernidade, habitado pela falta e pela saturação, impera o desejo de identificação, como saída para o vazio constitutivo que o dilacera, oportunidade que encontra no biográfico, enquanto ordem narrativa e atribuição de sentido à própria vida: “Se o sujeito só pode encontrar uma instância ‘superadora’ desse vazio em atos de identificação, a identificação imaginária com o outro e com “a vida do outro” é o ato mais ‘natural’, na medida em que replica as identificações primárias, parentais” (ARFUCH, 2010, p. 77). Por esta ótica, o biográfico opera um desfile incessante, que mostra e volta a mostrar “o mesmo no outro”, recolocando em cena “tudo o que falta para ser o que não é”, produzindo um efeito de completude, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, mantém aberta a possibilidade de novas identificações.

O valor deste gênero estaria relacionado, essencialmente, à possibilidade de ruptura “com o excesso de coerência do discurso histórico”, mediante a aposta na singularidade, de forma a recuperar “as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” (AVELLAR, 2011, p. 144). O *boom* de biografias, identificado em nosso contexto de investigação, será analisado, entre ceticismos e avaliações sobre a modernidade em curso, como uma tentativa de valorização do indivíduo, em um contexto que este, isolado, “desaparecia na massa popular”. As histórias de vida que se desenrolam sob a pena de Barroso serão analisadas por esta perspectiva, na medida em que mobilizam o anseio pela imitação de uma imagem modelar, onde importa menos a maneira como o expectador se vê, mas antes como se deseja que ele se veja. As personagens são sujeitos que encarnam ideais e, sobretudo, obtêm sucesso naquilo que se propõem realizar, de forma que o biográfico engendraria o duplo “cumprimento do desejo”: do autor e do leitor. Nesta incursão, nos interessa a compreensão das estratégias de (auto)representação, o vaivém da lembrança, o que Barroso deixa na sombra, que história conta de si mesmo, que história conta do outro (para o outro) e, essencialmente, que sentidos outorga ao passado. Por esta via, a prática do relato será pensada como algo que, não somente faz viver diante de nós as transformações das personagens, como também algo que mobiliza “uma experiência do

pensamento pelo qual nos exercitamos a habitar mundos estrangeiros a nós” (ARFUCH, 2010, p. 121).

O caráter híbrido do gênero biográfico, mais precisamente as relações entre biografia e obra artística, é algo que pressupõe, dentre as múltiplas formas de se representar o passado, a possibilidade mais ampla de fantasiar a história. Tal concepção, no entanto, nem sempre orientou o fazer biográfico, embora, em nosso contexto de análise, a biografia romanceada, em seus liames com a ficção, tenha sido exaltada: “É precisamente nesse período [o século XX] que certos biógrafos renunciam ao imperativo da verdade factual, tão caro a Samuel Johnson, e reivindicam o direito, e até a obrigação, de imaginar o passado” (LORIGA, 2011, p. 25). Sobre este passado deveria pesar, desta forma, o princípio de operatividade, onde importaria, para apreender os sentidos do pretérito, obedecer a certo princípio de identificação: “O eu não permanece rigorosamente idêntico a si mesmo, não cessa de mudar e, no entanto, sente-se ele mesmo e se reconhece em seu passado” (LORIGA, 2011, p. 129). Em um contexto de temporalização da experiência, tal é o ponto que permite, à biografia, restituir a significância da vida humana, assombrada pela modernidade e, por conseguinte, pela “desertificação do passado”. O biográfico assumirá, portanto, um caráter decisivo neste processo de individualização, notadamente a partir do vinte, de tal forma que a psicanálise adotará a narrativa biográfica como recurso privilegiado de sua prática de interpretação e cura de patologias do espírito, que algo irá configurar seu campo de atuação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 22).

O biográfico faria parte, portanto, desta tentativa de humanizar o passado, algo que, no limiar do século XX, possibilitou usos diversos, como bem demonstrou Sabina Loriga, autora cuja obra norteia nossa investigação. “O Pequeno X” nos auxilia a compreender o canal por onde Barroso, ao relatar o que se passou, conseguiu criar realidades passadas, ao mesmo tempo em que, por um mecanismo de “espelhamento”, atribuía sentidos ao presente. Discurso cuja eficácia estava contida, inclusive, na modalidade narrativa utilizada pelo autor, próxima, em muitos aspectos, à biografia cavalheiresca, fruto, nas palavras de François Dosse, de um processo de laicização e de reivindicação de identidade de uma linguagem no espaço e no tempo. A biografia cavalheiresca permaneceria, ainda segundo Dosse, relacionada ao gênero épico e se inspiraria na literatura, principalmente nas canções de gesta e na tradição oral:

“Encontramos nesses relatos de vida os motivos épicos e as manifestações do maravilhoso acompanhando as cenas de batalha e os grandes feitos de armas” (DOSSE, 2009, p. 153).

Elizabeth Gaucher, ao analisar os modelos de biografias cavaleirescas, informa sobre o modelo histórico, que assinala o enraizamento do herói no tempo e no espaço, assim como as interações entre seu meio e seus atos. Estes trabalhos se caracterizariam por uma evocação daquilo que impressionou a memória coletiva, ficando, de certa forma, marcado nela, e pela imaginação do autor. Sob este último aspecto, a biografia informaria melhor sobre o biógrafo que sobre o biografado, e, essencialmente, sobre a imagem que o grupo de cavaleiros veicula de si mesmo que sobre suas condições concretas de vida. Tal modalidade integrar-se-ia, portanto, “no seio de uma genealogia cuja narrativa é concomitantemente exemplificação e afirmação da autoconsciência de um grupo social” (DOSSE, 2009, p.152). É, segundo esta via de análise, a de um *ethos* próprio ao universo dos cavaleiros, algo profundamente disseminado na literatura universal, que pensaremos a relação de Barroso com o Exército, assim como os múltiplos esforços feitos pelo último para se sagrar como defensor/protetor da nação.

As tonalidades afetivas que aproximam Exército e nação, na obra de Barroso, aludem às referências da literatura universal, em especial, à noção de heroísmo, conceito que o escritor intenta operar, não sem metamorfoses e tensões. Conforme argumenta Armelle Enders, por trás dos heróis modernos “há uma mistura de referências à literatura antiga, ao cristianismo, à figura napoleônica, aos episódios da história nacional” (ENDERS, 2014, p. 18). Contudo, ainda segundo Enders, tal substrato não seria apenas literário, mas englobaria todas as formas de representações, albergadas na iconografia e nas políticas simbólicas. O conceito de herói teria sofrido, a partir do século XVIII, um constante alargamento, de forma que o termo não seria apenas sinônimo de “grande homem”, mas incluiria qualquer indivíduo que tivesse conquistado notoriedade, passando, assim, à posteridade. “O fenômeno é particularmente notável no Brasil, onde ‘herói’ abrange tanto os ‘vultos’ da história quanto os personagens evocados pela vulgata, como os vencidos recentemente integrados ao panteão” (ENDERS, 2014, p. 16). A partir desta acepção, os heróis seriam aqueles cujos feitos teriam suscitado admiração pública, ou, simplesmente, a atenção do público, de forma que poderiam ser concebidos como meros “atores” - concepção cujo sentido é difícil de deslindar. Segundo Enders, o heroísmo poderia ser dividido em dois campos heteróclitos:

(...) o primeiro seria “funcionalista” considerando “herói” o produto da conjunção de um indivíduo com os anseios coletivos; o outro seria “essencialista”, enfatizando as qualidades intrínsecas que fazem do indivíduo um “herói”. Conforme a concepção “essencialista” é a personalidade única e excepcional de um personagem que lhe permite influenciar e marcar o curso dos acontecimentos. (ENDERS, 2014, p. 15)

É, portanto, seguindo o percurso desta concepção, que acreditamos ser possível perfilar o que o heroísmo veio a representar para Barroso e o seu público, como uma das estratégias utilizadas para inscrever as personagens em uma narrativa que é da história nacional. Desta forma, o culto aos “grandes homens” da pátria seria percebido como um canal por onde seriam introduzidos, na sociedade, as virtudes e os princípios dos novos tempos (CATROGA, 2006). Tal culto não concorreria com o culto aos santos, mas se inspiraria em alguns procedimentos manipulados por ele, evidentes, por exemplo, nos comentários que acompanham o relato da vida de Osório, algo que recende à hagiografia: Osório já era Osório no berço. O santo possui uma marca que o distingue e o universaliza, ele reúne a comunidade numa mesma prece e invocação, algo que é do âmbito do maravilhoso e do lendário; onde reside a “força” do herói barroseano. “A criança que recebera o sacramento do batismo naquele dia de maio, que o destino lhe reservava para a sagração definitiva da glória do campo de batalha, cresceu livremente, sadia e vivaz, na simplicidade da instância paterna” (BARROSO, 1932, p. 08).

Analisando os processos mitológicos de heroificação na história francesa contemporânea, Raoul Girardet chamou a atenção para o fato de que determinados heróis imaginários podem ser incessantemente reinventados, mas que “tal não pode ser o caso de um ser de carne e osso, historicamente definível, e cujo processo de heroificação não poderia fazer esquecer os traços particulares que são os de uma personalidade e de um destino”. (GIRARDET, 1987, p.81). A vigência, ainda que frágil, de alguns aspectos do mito, pode ser identificada no processo de transposição e heroificação que Barroso faz das personagens históricas que compõem sua escrita biográfica. A utilização deste recurso se faria, essencialmente, pela capacidade que o lendário tem de mobilizar o sentimento, como assinala Jean- Claude Bonnet, em um momento de “universalização da glória”, o valor “deve se afixar como uma virtude evidente e contagiosa que seja suscetível de ser adquirida por todos, por meio de uma nova exemplaridade e de uma nova pedagogia heroica”. (BONNET, 1998, p. 12).

No ardor da luta, de repente, um homem passava a cavalo, rodeado de oficiais e lanceiros. Dava-lhe o vento no cobre-nuca do quépi branco e no poncho listado, agitando-os como duas bandeiras. Na gola baixa de sua túnica singela e negra, havia

bordados de general, mas ele trazia na mão uma lança, como se fosse um simples gaúcho. Os soldados velhos conheciam de sobra suas feições varonis, qualquer coisa de leonino no queixo forte, no cabelo basto. Os novos sabiam de sua fama, porém quase lhe não podiam distinguir a fisionomia entre o esvoaçar do poncho, a poeira e a fumaceira da peleja. Atirava ao som das cornetas os batalhões para a frente, épico, ardendo pelas lutas corpo a corpo. (BARROSO, 1928, p. 167).

O trabalho de consagração de heróis nacionais, assim como a ritualística que envolve este processo, tem por objetivo central construir um panteão cívico composto por “grandes homens”, capazes de encarnar modelos de comportamento ou personalidades coletivamente valorizadas. Os soldados foram, segundo Maurice Agulhon, os primeiros a merecer estátuas em praça pública, em todos os lugares em que se prestavam homenagem aos “grandes homens” da pátria, pois despertavam menos debates, se comparados aos políticos, e figuravam como os primeiros servidores da nação (AGULHON, 1988, p. 159). Cumpre mencionar, a maneira pela qual esses modelos são fixados e divulgados no ritual, como ensina Geertz, é uma narrativa, de forma que, o rito nesta perspectiva, pode ser entendido como um “lugar de memória”. Tal aspecto, ao que parece, foi observado no Brasil, durante a Primeira República, considerada como um período rico na encenação de rituais cívicos de consagração de heróis, conforme demonstrou Armelle Enders (2014).

Há um processo dialógico, em que autor e leitor são, simultaneamente, suporte destas vozes outras, que alentam a linguagem, fenômeno que concerne a possibilidade relacional dos discursos, algo que conhecemos como “intertextualidade”. Conceito que nos permite analisar a permanência de determinadas crenças e visões de mundo “que o sujeito assume de forma natural, mas da qual deverá se apropriar pelo uso combinatório peculiar que dela faça, pelos gêneros discursivos que escolher e, sobretudo, pelas *tonalidades de sua afetividade*” (ARFUCH, 2010, p.67). Sentimentos mobilizados, essencialmente, no discurso patriótico acerca de Osório: “Fez com estas palavras o resumo de sua grande vida: coragem tranquila, independência sem orgulho, a pátria acima de tudo e a constância no sacrifício” (BARROSO, 1932, p. 198).

A aposta é de que o relato opere no leitor uma “internalização” de valores, todavia, tal procedimento, para ser eficaz, exige a inclusão do expectador na narrativa, não de forma passiva, mas como “copartícipe”, de forma a prefigurar a sua reação de resposta. Nossa proposta é de que as narrativas biográficas barroseanas realizam um processo de autocriação, onde autor

e leitor são construídos no texto, dito de outra forma, para contar a vida de seu herói. Barroso realiza um processo de identificação e, conseqüentemente, de valoração. Da mesma forma, o seu leitor busca se reconhecer no outro; outro como sujeito histórico e como passado histórico. “O eu não permanece rigorosamente idêntico a si mesmo, não cessa de mudar e, no entanto, sente-se ele mesmo e se reconhece em seu passado” (ARFUCH, 2010, p. 129).

É neste ponto que reside, em grande medida, o valor do biográfico em Barroso, fundado no desejo de transcendência, de algo que ofereça uma ordem e um sentido à vida, perante uma identidade sempre fragmentada. A biografia barrosea operaria como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social. Promoveria uma educação sentimental. “A este homem, que nascera predestinado às lidas guerreiras, o destino reservava miraculosas salvações de pessoas e de navios. Fizera-as já no Rio da Prata, nas águas plumbias e frias da Patagônia, fa-las-ia ainda nos mares da Europa e do Brasil” (BARROSO, 1933, p. 68).

As biografias históricas assinadas por Barroso desenhavam o retrato de personagens representativos de valores desejados em momentos de conturbação social e política, em que a estabilidade da personalidade e a incorruptibilidade do caráter condicionariam o devir. Sob a clave de uma narrativa humanizadora, Barroso apresentou os heróis nacionais como homens que sofriam as mazelas humanas. Eram seres mortais. Contudo, sempre dispostos a enfrentar e a vencer a adversidade ao preço de um sofrimento. Como no romance, a intriga criava no leitor a expectativa do futuro, do desfecho, de forma a mantê-lo em constante atenção, movido por um impulso lírico que é fonte de projeção de identidade.

A narrativa visaria, fundamentalmente, promover uma identificação com os heróis e, sobretudo, operar uma transposição afetiva, de maneira que “O sacrifício [de Tamandaré] em prol da pátria que tanto amava” (BARROSO, 1933, p. 124) fosse sentido como um dever de todo cidadão exemplar. O fazer biográfico cumpria, desta forma, uma função instrutiva e orientadora, auxiliando os homens perplexos do presente a encontrar o seu lugar na história, tornando, assim, o cidadão exemplar parte integrante da pedagogia cívica. O aprendizado com as falhas, dúvidas e sucessos dos “grandes homens” constituía um lugar de fala a funcionar

como uma pedagogia existencial, em que os leitores poderiam também julgar as ações dos homens na história. Conformava, ainda, o desejo de imortalizar o personagem.

Marques Lisboa era o marinheiro completo, no qual a coragem ombreia com a humanidade e a inteligência corre parilhas com a decisão. O grande almirante foi, como Caxias e Porto Alegre, a encarnação palpitante do espírito de brasilidade. A história viva da Armada, a história viva da própria nacionalidade. (BARROSO, 1933, p. 205).

Estes relatos também tinham como função fornecer modelos de conduta ao presente, funcionando como manuais de civismo, o que parece atender às propostas políticas e historiográficas do período. Haja vista que a Reforma Francisco Campos, em 1931, dispunha sobre a organização do Ensino Secundário e estabelecia que o curso de história, da Primeira Série, deveria estudar a “narrativa de vida de grandes nomes ligados à história do Brasil e da América, de forma a despertar o interesse do aluno e prepará-lo para estudos mais sistemáticos posteriores” (GOMES, 1999, p. 153).

Armelle Enders afirma que, neste período, os compêndios elaborados pelas escolas da capital, a vitrina educativa do Brasil, adotaram receitas que pareciam transformar os jovens em bons cidadãos, dispostos, se necessário, a se tornar soldados. Há, segundo esta proposta, uma tentativa de promover um “armamento psicológico”, motivado pela estreita relação entre o ensino de história e a militarização da sociedade. Algo que se aproximaria da proposta de outros publicistas, como Olavo Bilac e Coelho Neto, que pregavam o civismo e partilhavam a convicção de que a religião da pátria era o único meio existente de aglutinação social. Enders assevera que, “por vezes, a inspiração patriótica tendia a derivar para um nacionalismo de conotações particularmente viris” (ENDERS, 2014, p. 288).

Caxias foi a espada que sustentou por longos anos o Império, combatendo e, mais do que combatendo, pacificando-o. Ninguém, no nosso país, em quatro séculos de história, foi maior do que ele. Guerreiro e político. Diplomata e estadista. Ninguém teve maior fé nos destinos da pátria e ninguém a serviu com maior brasilidade (BARROSO, 1929, p. 99).

Compreendemos que sua proposta historiográfica obedece a um princípio narrativo que não é estranho às teorizações românticas em torno da “cor local”, a saber, diretrizes capazes de tornar mais atrativa a leitura da história da nação ao expor fontes inusitadas, porém conservando sua dimensão criativa (CESAR, 2003, p. 79). O uso da cor local, como estratégia textual da narração histórica, para se aproximar do leitor, implicava certo valor poético, acompanhado de

um apelo à imaginação, onde importava o prazer estético. Os historiadores teriam, segundo essas premissas, a necessidade de cativar seus leitores com uma história que fosse verdadeira e agradável de se ler, o que não dispensava, portanto, as pesquisas. Acerca de Osório, Barroso afirmava: “Sua mocidade aureolada de bravura, servida por sua bela forma viril, adornada de franqueza e de maneiras cavalheirescas conquistava amizades tanto entre os inferiores como entre os superiores. Aqueles o adoravam. Estes o estimavam” (BARROSO, 1932, p. 45).

O que estamos sugerindo não é que Barroso tenha obedecido a essas diretrizes, mas antes, que há uma inspiração romântica em sua aposta biográfica, perceptível na forma como estrutura o texto, como “pinta” suas personagens e, sobretudo na maneira como estas se desenvolvem ao longo da narrativa. Não se trata de mera influência ou simples imitação de um modelo historiográfico, mas antes de certas referências deste que continuavam válidas, atuantes, oferecendo alguma segurança para aqueles que desejavam se voltar para uma escrita que é, não obstante, literária. Destarte, a literatura romântica será pensada como parcela do esforço mais amplo de construir a nação, não circunscrito ao século XIX, mas levando em consideração o fato de que “os românticos iniciaram uma pesquisa, que será retomada pelos modernistas, em buscas destas características” (ENDERS, 2014, p. 125).

Consoante com as questões que mobilizaram seus contemporâneos, Barroso se empenha em definir nossa origem e, a partir dela, traçar um projeto para a nação, algo que lhe conferisse um sentido histórico e preenchesse o vazio deixado pela queda da monarquia e suas figuras representativas de estabilidade. Há um desejo de imprimir uma continuidade a nossa trajetória, algo que justificasse a ideia de processo em direção a um sentido, de acordo com a temporalidade moderna. O perfil de uma nação beligerante, com um povo aguerrido, que soube defender o seu território, atendia ao anseio de criação de relações imaginárias capazes de promover a coesão social. A isso acrescentamos o intuito de, sob a chave da prospecção, exaltar os militares como forças disciplinarizadoras indispensáveis para amalgamar os elementos distintos da sociedade, mantendo tal coesão e assegurando a certeza de um futuro harmônico. Há, aqui, o desejo de atualizar historicamente o valor do Exército e estabelecer, ou mesmo recriar, os vínculos com a nação brasileira – entidade da qual, mais do que guardião, o Exército seria também o formador.

Este processo de convocação do passado, encarnado pelos “grandes homens,” compreendia a “exposição material” destes vultos no museu, tornando-se instrumento essencial, tal como a biografia histórica, para a produção e reprodução de uma nova memória nacional. A edificação desta galeria de “grandes homens” a serem cultuados no Museu Histórico Nacional representaria um dos aspectos deste esforço de consensualização das representações da memória nacional, de forma que o desfile dos Dragões da Independência engendraria outra face deste projeto, como espetáculo de ritualização da história, marcado pelo apelo à memória, convocada a desempenhar a mesma função pedagógica atribuída à literatura histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia brasileira atual tem produzido trabalhos significativos voltados para a investigação do fazer biográfico. Contudo, apesar da relevância das pesquisas realizadas, consideramos essa produção ainda incipiente se comparada à pertinência deste gênero no começo do século XX, ao volume de publicações ainda por serem analisadas e à carência de informações acerca de autores consideramos como “menores”. Escritores, tal como Gustavo Barroso, cuja marginalidade deve ser relativizada, afinal seus livros alcançavam uma tiragem de milhares de exemplares, indício de que possuíam um público leitor expressivo (FRANZINI, 2006, p. 218). Tais publicações não foram, até o momento, fontes de estudo, ao contrário, os trabalhos que analisam a produção barroseana se voltaram para a investigação de sua trajetória política, vinculada ao Integralismo, ou de seus trabalhos no âmbito do patrimônio, relacionados ao Museu Histórico Nacional, notadamente sobre as políticas de aquisição de acervos, práticas de conservação e formação de profissionais. Há poucos trabalhos que investigam sua proposta historiográfica e, especificamente, não identificamos pesquisas voltadas para a compreensão de sua escrita biográfica.

Ambicionamos, em nossa incursão pela escrita barroseana, relativizar determinada visão da historiografia brasileira que compreende as produções deste período como parte de um gênero estático e homogêneo, visão, em grande medida, devedora das tendências pós-1945, que tendiam a minimizar análises voltadas para o intercâmbio entre história e literatura (LORIGA, 1998, p. 225). Ao seguir, nestas histórias de vida, os diferentes movimentos individuais

desenhados por Barroso, pensamos ser possível romper as homogeneidades aparentes e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais em seu contexto de produção e recepção. Nossa proposta intenta desvelar as margens de liberdade experimentadas pelo indivíduo na historiografia barroseana, assim como a maneira pela qual esses indivíduos, ao “fazer” a história, moldariam e modificariam as relações de poder.

Assim, empreendemos a análise dessa escrita objetivando desvelar um autor pouco debatido nos círculos historiográficos, como forma de mitigar as carências identificadas e, da mesma forma, compreender como estes discursos atuavam naquele contexto. Importou-nos perceber, neste olhar sobre o passado, os diálogos com correntes diversas de pensamento e, por esta via, verificar de que forma este saber teria “deitado raízes” no fazer historiográfico brasileiro. Por esta perspectiva, pensamos ser possível tomar a produção biográfica barroseana em sua historicidade, que envolve combates pela história e memória, segundo interesses políticos e sociais. A proposta foi verificar como elas trazem em si os dilemas, embates e anseios que marcavam aquele momento intelectual no Brasil e, por esta razão, perceber como deveriam operar no público leitor.

Referências bibliográficas

- ABENSOUR, Miguel. O heroísmo e o enigma do revolucionário. In: NOVAIS, Adauto. (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. RJ: EdUERJ, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 21, 1998.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: História, prosopografias e biografemas. In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- AVELLAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de Sentido. In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- _____. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Revista Dimensões*, vol. 24, 2010, p. 157-172.
- _____. Biografia e ciências humanas em Wilhelm Dilthey. In: *Revista História da Historiografia*, n. 9, agos. 2012, pp. 129-143.
- _____. Subjetividades contemporâneas e escrita biográfica: limites, desafios e possibilidades. In: *Revista História Oral*, v. 13, n. 2, p. 33-51, jul-dez. 2010.
- BARROSO, Gustavo. *A Guerra do Lopez: contos e episódios da campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1928.
- _____. *A Guerra do Rosas: contos e episódios relativos à campanha do Uruguai e da Argentina – (1851-1852) – 1ª ed.* São Paulo: Cia Editora Nacional. 1929.
- _____. *Osório, o centauro dos pampas*. Rio de Janeiro: G. M. Costa, 1932.
- _____. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933.
- _____. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.
- _____. Biografia do Marechal de Campo José Luiz Menna Barreto. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- _____. História e Tradição. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

- _____. Museu Militar. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1942.
- _____. Os museus e a guerra. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. Esquemática da história militar do Brasil. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. *Nos Bastidores da História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- BATINDER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*. 3 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BONAFÉ, Luigi. *Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a República*. Niterói: PPGHIS/UFF, 2008. (Tese de doutorado).
- BORGES, Vavy Pacheco. Nas pegadas de um leão: notas de pesquisa sobre a vida de Ruy Guerra. In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 19, 1997.
- CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. Tradução Portuguesa de Álvaro Ribeiro. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.
- CARVALHO, José. Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Celso. *Exército e Nação: Estudos sobre a História do Exército Brasileiro*. RJ: FGV, 2012.
- CATROGA, Fernando. O magistério da História e exemplaridade do 'grande homem'. A biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMENÉS, A.; FERREIRA J. Ribeiro e FIALHO, Maria do Céu (ed.). *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Málaga, 2004.

- CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história e cultura*, v.2, n 3, jan-jul. 2003.
- DE GROOT, Jerome. Empathy and Enfranchisement: Popular Histories. In: *Rethinking History*, Vol. 10, N. 3, 391-413, September 2006.
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. SP: Edusp, 2009.
- DUTRA, Eliana. História e historiadores na Coleção Brasileira: o presentismo como perspectiva? In: _____. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- ENDERS, Armelle. *Os Vultos da Nação: Fábrica de Heróis e Formação dos Brasileiros*. RJ: FGV, 2014.
- _____. O Plutarco Brasileiro. A produção de vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- FERNANDES, Cássio. Biografia, autobiografia e crônica na Florença do século XIV: as origens da historiografia moderna. *Revista História da Historiografia*, 2009.
- FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional – (1936-1959)*. São Paulo: PPGHIS/USP, 2006. (Tese de Doutorado).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. RJ: LTC Editoria, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. A biblioteca de Viriato Corrêa: incursões sobre a leitura e a escrita de um intelectual brasileiro. In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu, viajante. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 15 – 36, 2010.
- _____. Manoel Bomfim, ‘pensador da História’ na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, PP. 129 – 154, 2003.

- _____. O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914 e 1949). In: GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. *Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista*. In: _____. (org.) *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- JULIÃO, Letícia. Biografia Monumento: Machado de Assis na Coleção Brasileira. In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, p. 225-249.
- _____. Biografias Paralelas: reflexões em torno de Hannah Arendt e Siegfried Kracauer. In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. *O Pequeno X: da Biografia à História*. BH: Autêntica, 2011.
- MACHADO, Maria Helena P. T. Um mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- MADÉLENAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MARCELINO, Douglas Attila. A figura do escritor nas biografias de Machado de Assis e Euclides da Cunha das coleções *Brasília* e *Documentos Brasileiros* nos anos 1930 e 1940. In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas*, 2014.

- _____. Rituais políticos e representações do passado: sobre os funerais de “homens de letras” na passagem do império à república. In: *Revista Tempo*. Vol. 22 n. 40. p.260-282, mai-ago., 2016.
- MEGID, Daniele Maria. De homem a personagem: As construções sobre Machado de Assis nas biografias. In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Cambridge University Press, 1971.
- OLIVEIRA, Lúcia. Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de doutorado.
- ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, George. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1086.
- PARRELA, Ivana. Coleções e publicações documentais no Brasil: estratégias e temporalidades. In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p.3-21. 1997.
- _____. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 10, v. 8, jul./dez. 2004, p. 140.
- _____. Grades invisíveis para rebentar: memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões argentinas (1975-1979). In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- _____. Escrever biografias no Brasil hoje: entre inovações e modelos tradicionais. In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____; CASTELLUCCI, Aldrian. Dossiê Biografia e História do Trabalho. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 8, n. 15, janeiro-junho de 2016.

_____. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História* (São Paulo) v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

_____. Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, fev. 1998.

SILVA, Wilton C. L. Espelhos de Palavras: Escritas de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELLAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia de Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

TOLENTINO, Thiago Lenine Tito. *Monumentos de Tinta e Papel: Cultura Política na Criação Biográfica da coleção Brasileira (1935-1950)*. Belo Horizonte: PPGHIS/UFMG, 2009. Dissertação de Mestrado.

_____. *Do ceticismo aos extremos: Cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*. Belo Horizonte: PPGHIS/UFMG, 2016. Tese de Doutorado.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Brasileira segunda fase: percurso editorial de uma coleção que sintetiza o Brasil (1956 – 1993). In: DUTRA, Eliana. (Org). *O Brasil em dois Tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.